

OS FALANTES DO TUPI ANTIGO: ORIGEM, HISTÓRIA E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA NO PASSADO

Segundo testemunho do jesuíta Fernão Cardim (op. cit., p.121),

“Em toda esta província há muitas e várias nações de diferentes línguas, porém uma é a principal que compreende algumas dez nações de índios: estes vivem na costa do mar, e em uma grande corda do sertão, porém são todos estes de uma só língua, ainda que em algumas palavras discrepam e esta é a que entendem os portugueses.”

A ancestralidade dos tupis com relação às outras nações falantes da língua brasílica da costa foi atestada por vários textos do período colonial brasileiro:

“...De Tupi (que dizem ser o donde procede a gente de todo o Brasil) umas nações tomaram o nome de Tupinambás, outras de Tupinaquis, outras de Tupigoaés e outra Tupiminós.” [Vasconcelos, in Crônicas, (Not.) I, §149]

No décimo segundo capítulo de sua *História*, Frei Vicente do Salvador dá-nos essa mesma idéia:

D. Diogo de Avalos, vizinho de Chuquiabue no Peru, em a sua Miscelânea Austral, diz que em as serras de Altamira em Espanha havia uma gente bárbara, que tinha ordinária guerra com os espanhóis e que comiam carne humana, do que enfadados os espanhóis juntaram suas forças e lhes deram batalha na Andaluzia, em que os desbaratarem e mataram muitos. Os poucos que ficaram, não se podendo sustentar em terra, a desampararam e se embarcaram pera onde a fortuna os guiasse, e assi deram consigo nas Ilhas Fortunadas, que agora se chamam Canárias, tocaram as de Cabo Verde e aportaram no Brasil. Saíram dois irmãos por cabos desta gente, um chamado Tupi e outro Guarani; este último deixando o Brasil, passou a Paraguai com sua gente e povoou o Peru. (grifos nossos)

O fenótipo mongolóide dos tupis da costa não permite, por outro lado, vinculá-los aos mais antigos antepassados do homem brasileiro já encontrados, a saber, a *Luzia* da Lagoa Santa, esqueleto descoberto em 1975 por uma equipe franco-brasileira coordenada por Annette Laming-Emperaire e as ossadas da Serra da Capivara, descobertas pela equipe de Niède Guidon no Piauí, na década de noventa. Ambas as ossadas do homem pré-histórico brasileiro são de negróides e não de mongolóides.

Os tupis da costa eram recentes no litoral na época da chegada dos portugueses ao Brasil. Entre eles ainda havia memória de sua origem comum. Uma prova disso eram certos designativos de nações tupis, como *temiminós* e *tamoios*. *Temiminó* quer dizer *neto* ou *descendente*, conforme vemos em textos do início do século XVII:

1) neto(a): *O emiminõ...r-esé nd'e'ikatu-î abá o-mendá.* - Com sua própria neta não pode ninguém casar-se. (Ar., Cat., 128v)

2) descendente: *A'e roîré bé-pe Noé r-emiminõ-etá r-oparamo?... - Depois disso, os descendentes de Noé perderam-se?* (Ar., Cat., 41v)

Tamoio, por outro lado, em tupi antigo é *tamuûa*, que significa *avô, antepassado*, segundo textos quinhentistas e seiscentistas:

1) avô (de h. ou m.) (Ar., Cat., 116): *...Xe r-amuûa Îaguaruna* - meu avô Jaguaruna (Anch., Teatro, 60)

2) os antepassados, os avós: *A-îkó xe r-amuûa r-ekó-bo.* - Vivo pelos costumes de meus antepassados. (Fig., Arte, 7)

Além disso, a grande semelhança cultural entre os grupos indígenas da costa permitem-nos afirmar uma separação recente deles a partir de uma migração anterior de regiões interioranas da América do Sul.

Nem todos os grupos indígenas que falavam o tupi antigo são bem conhecidos historicamente. Os documentos antigos sobre alguns deles são escassos. Apresentaremos informações sobre os mais conhecidos e sobre aqueles dos quais há documentação coeva mais abundante.

2.1. Os tupiniquins

Entre os temiminós, ao sul, desde o rio Cricaré no atual Espírito Santo, e os aimorés ao norte, até o rio Camamu, na Bahia, viviam os tupiniquins, os primeiros índios com que os portugueses avistaram-se ao chegarem ao Brasil em 1500. Pero Vaz de Caminha fez deles a primeira descrição física, a primeira feita de um índio brasileiro:

A feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma coisa cobrir nem mostrar suas vergonhas. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto. Traziam ambos os beijos de baixo furados e metido por eles um osso branco de comprimento de uma mão travessa e de grossura de um fuso de algodão e agudo na ponta como furador. Metem-no pela parte de dentro do beijo e o que lhe fica entre o beijo e os dentes é feito como roque de xadrez; e em tal maneira o trazem ali encaixado que não lhes dá paixão nem lhes estorva a fala, nem comer, nem beber. Os cabelos seus são corredios e andavam tosquiados de tosquia alta, mais que de sobre-pente, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas."

(In: *Carta a El Rey dom Manuel sobre o achamento do Brasil*, pp.34-39)

Gabriel Soares de Sousa (1938, 87-88) tratou desses indígenas:

“Com este gentio tiveram os primeiros povoadores das capitâneas dos Ilhéus e Porto Seguro e os do Espírito Santo, nos primeiros anos, grandes guerras e trabalhos, de quem receberam muitos danos; mas, pelo tempo adiante vieram a fazer pazes, que se cumpriram e guardaram bem de parte a parte. (...) Este gentio e os tupinaés descendem todos de um tronco e não se têm por contrários verdadeiros, ainda que muitas vezes tivessem diferenças e guerras, os quais tupinaés lhes ficavam nas cabeceiras, pela banda do sertão, com quem agora a maior parte dos tupiniquins estão misturados. Este gentio é da mesma cor baça e estatura que o outro gentio de que falamos, o qual tem a linguagem, vida e costumes e gentilidades dos tupinambás, ainda que são seus contrários. (...) E ainda que são contrários os tupiniquins dos tupinambás, não há entre eles na língua e costumes mais diferença do que têm os moradores de Lisboa dos da Beira; mas este gentio é mais doméstico e verdadeiro que todo outro da costa deste Estado. É gente de grande trabalho e serviço, e sempre nas guerras ajudaram aos portugueses contra os aimorés, tapuias e tamoios, como ainda hoje fazem esses poucos que se deixaram ficar junto ao mar e das nossas povoações, com quem vizinham muito bem, os quais são grandes pescadores de linha, caçadores e marinheiros, são valentes homens, caçam, pescam, cantam, bailam como os tupinambás e nas coisas da guerra são mui industriosos, e homens para muito, de quem se faz muita conta a seu modo entre o gentio.

Nos textos coloniais há também referências a tupiniquins na capitania de São Vicente:

“Em São Vicente não usam isto (i.e., vender seus próprios familiares) aqueles gentios Topinachins.” (Nóbrega, 1988, p. 197)

“Outra nação se chama Carijó: habitão além de São Vicente como oitenta léguas, contrários dos Tupinaquins de São Vicente.” (Cardim, 1978, p. 123)

Essas referências a tupiniquins em São Vicente permanecem ainda enigmáticas e somente a descoberta de novos documentos históricos poderá lançar luzes sobre essa questão.

2.2. Os potiguaras

Segundo Moonen (1992, p.111),

“Os documentos históricos são unânimes em afirmar que os potiguaras eram índios tupis. O cronista Gabriel Soares de Sousa, em 1587, informa que os potiguaras “falam a mesma língua dos tupinambás e caetés, têm os mesmos costumes e gentilidades”.

Os potiguaras são um grupo indígena tradicional da costa brasileira, localizado há séculos no litoral paraibano e desaparecido há muito tempo do litoral do Rio Grande do Norte. Seus remanescentes ainda se encontram em terras avoengas, o que se constitui fato *sui generis* na história das populações indígenas do Brasil. Foram dos primeiros grupos indígenas com que os portugueses se depararam ao chegarem ao Brasil. Por causa de seu contato multissecular com a sociedade não indígena, os potiguaras atualmente só falam a língua portuguesa. Até cerca de 1650 há provas do emprego do tupi antigo por essa nação indígena: as cartas dos Camarões, únicos documentos conservados que foram escritos pelos antigos índios da costa do Brasil, da época da guerra contra a Holanda. O desaparecimento dos últimos falantes de tupi antigo deve ter ocorrido no final do século XVII.

O local mais importante onde se concentrava a vida potiguara foi, desde muito cedo, registrado nos mapas quinhentistas: trata-se da Baía da Traição, chamada pelos índios *Acajutibiró*. Não se sabe exatamente o ano em que tal topônimo apareceu. Segundo Gabriel Soares de Sousa (op. cit., p. 52), “*chama-se esta baía pelo gentio potiguar Acajutibiró, e os portugueses, da Traição, por com ela matarem uns poucos de castelhanos e portugueses que nesta costa se perderam*”. Para Moonen (op. cit., 153),

“Capistrano de Abreu pretende que tal fato tenha ocorrido em 1501, quando da expedição de André Gonçalves, embora outros, como o Padre Galante, aventem a hipótese de que o acontecimento tenha-se dado em 1505 com dois franciscanos. (...) No mapa “Terra Brasilis”, atribuído a Lopo Homem e publicado em Lisboa nessa data (1519), aparece já indicada a Baía da Traição.

Mas os territórios potiguaras, que se estendiam desde a costa norte do Brasil até o rio Paraíba, na latitude aproximada de João Pessoa, foram progressivamente diminuindo, a ponto de hoje estarem seus remanescentes concentrados somente em torno da Baía da Traição e adjacências, seu tradicional centro nervoso.

Os potiguaras constituíram-se, desde cedo, um problema para a colonização portuguesa. Segundo Cardim (op. cit., p.121), eles eram “*senhores do melhor pau do Brasil e grandes amigos dos franceses e com eles contrataram até agora, casando com eles suas filhas*”. Atacaram por décadas os moradores das capitanias de Pernambuco e Itamaracá. Somente durante o período do domínio espanhol, em 1584, é que os potiguaras foram submetidos pelos portugueses, que expulsaram os franceses daquela costa, tendo à sua frente o general espanhol Diogo Flores. Ele, na Baía da Traição, assentou um forte, pondo-lhe cem soldados, “*afora os portugueses, que também têm seu capitão e governador Fructuoso Barbosa, que com a principal gente de Pernambuco levou exército por terra com que venceu os inimigos*”. (Cardim, *ibidem*, p. 121)

Mas a submissão total dos potiguaras aos portugueses só se daria mesmo em 1599, segundo notícias do Frei Vicente do Salvador que fez missão entre eles. O famoso historiador, autor de uma *História do Brasil*, publicada em 1627, relata campanhas que se fizeram contra aqueles índios nos anos posteriores a 1584. Em 1585, como conseqüência das lutas contra os potiguaras e contra os franceses que os apoiavam, iniciou-se a construção de um forte de madeira às margens do rio Paraíba, origem da cidade de Filipéia de Nossa Senhora das Neves, a atual João Pessoa. No final da década de oitenta do século XVI esse forte foi assediado pelos potiguaras, sendo que a cidade só foi reconquistada em 1590.

Assim, somente em 1599, após vinte cinco anos de guerras, é que os potiguaras foram submetidos pelos portugueses, após terem perdido o apoio dos franceses, mais uma vez vencidos em seus planos de se estabelecerem em terras de Portugal. Foi somente nos primeiros anos do século XVII que os potiguaras foram convertidos ao Cristianismo, por obra de missionários franciscanos que atuaram entre eles.

O último grande momento histórico em que os potiguaras aparecem como importantes partícipes foi o da invasão holandesa. Em 1625 os holandeses desembarcaram na Baía da Traição, levando para Holanda alguns índios (apud Moonen, op. cit., p.97).

Repelidos em sua tentativa de invadir a Bahia, os holandeses voltam em 1630, dessa feita a Pernambuco, donde se alastram por grande parte da costa nordestina. Muitos potiguaras tornaram-se seus aliados, entre os quais o tuxaua Pedro Poti, que também vivia na Baía da Traição. Esse Pedro Poti esteve na Holanda por cinco, donde voltou em 1630 com os invasores do Nordeste. Foi mais tarde capturado pelos portugueses, que o assassinaram cruelmente.

Os únicos documentos de que dispomos que dão informação sobre a língua tupi falada pelo potiguaras são as cartas dos índios Camarões, escritas durante a guerra contra a Holanda. Após a expulsão dos holandeses em 1654, “*cessam por completo as informações sobre a cultura potiguara, de modo que é impossível analisar as mudanças culturais em sua dimensão histórica.*” (Moonen, op. cit., 111)

2.3. Os tupinambás

A nação tupinambá, entre as de língua tupi, era a que se dividira mais pela costa: no final do século XVI eles estavam na Bahia, no Maranhão e no Rio de Janeiro. Isso é o que atestam os textos dos cronistas D’Abbeville, Gabriel Soares de Sousa, Jean de Léry, dentre outros.

2.3.1. Os tupinambás da Bahia

Os tupinambás ocupavam um território na costa nordestina que ia desde a margem direita do rio São Francisco até o sul da Baía de Todos os Santos.

Segundo Gabriel Soares de Sousa (op. cit., 299-300), estavam ainda na memória dos anciãos as lutas que desalojaram os tapuias da Bahia de Todos os Santos:

Os primeiros povoadores que viveram na Bahia de Todos os Santos e sua comarca, segundo as informações que se têm tomado dos índios muito antigos, foram os tapuias. (...) Esses tapuias foram lançados fora da terra da Bahia e da vizinhança do mar dela por outro gentio seu contrário, que desceu do sertão, à fama da fartura da terra e mar desta província, que se chamam tupinaés, e fizeram guerra um gentio e outro tanto tempo quanto gastou para os tupinaés vencerem e desbaratarem aos tapuias e lhos fazerem despejar a ribeira do mar e irem-se para o sertão. (...)

E chegando à notícia dos tupinambás a grossura e fertilidade desta terra, se juntaram e vieram de além do rio de São Francisco, descendo sobre as terras da Bahia que vinham senhoreando, fazendo guerra aos tupinaés que a possuíam, destruindo-lhes suas aldeias e roças (...).

E estes tupinaés se foram pôr em frontaria com os tapuias seus contrários, os quais faziam crua guerra com força, da qual os faziam recuar pela terra adentro, por se afastarem dos tupinambás, que a ficaram senhoreando (...) e assim foram possuidores desta província da Bahia muitos anos, fazendo guerra a seus contrários com muito esforço, até a vinda dos portugueses a ela; dos quais tupinambás e tupinaés se tem tomado esta informação, em cuja memória andam estas histórias de geração em geração.”

Assim, os tupinambás da Bahia estavam, à época do Descobrimento, estabelecidos na Bahia de Todos os Santos e nas suas imediações, principalmente na bacia do rio Paraguaçu ou Peroaçu, a oeste daquela. Cada um dessas concentrações de tupinambás deveria conter cerca de cinquenta mil indígenas.

Os primeiros contatos dos portugueses com os tupinambás da Bahia devem ter sido os realizados na pessoa de Diogo Álvares Correia, português procedente de Viana. Ele era um náufrago que arribou às costas da Bahia e fez amizade com os índios, que o alcunharam “*Caramuru*”, nome tupi para a lampreia. Foi o historiador espanhol Gonçalo Fernandez Oviedo e Valdez quem primeiro referiu-se ao Caramuru em sua obra *História General e Natural de las Índias*.

Nas três primeiras décadas de sujeição aos portugueses ainda não se haviam implantado os instrumentos de dominação do Estado no Brasil. Ou seja, estabelecera-se um regime de promiscuidade sexual entre as mulheres índias e os náufragos, degredados, órfãos de Portugal e aventureiros, ao qual Ribeiro (1999) chamou *cunhadismo*. Não havia conflitos e guerras entre índios e brancos, uma vez que estes ainda não se haviam lançado à escravização daqueles, haja vista não existir, nos primeiros tempos, exploração econômica lucrativa da terra. Diogo Álvares Correia viveu, assim, em harmonia por décadas com os tupinambás da Bahia e foi, seguramente, o primeiro português que ali falou a língua tupi. Em seu já clássico “*O índio Brasileiro e a Revolução Francesa*”, Afonso Arinos de Melo Franco (1937) mostra-nos com boa documentação coeva que Correia teria levado sua esposa índia para a França, onde teria sido batizada com o nome de *Catarina Paraguaçu*. Essa índia tupinambá foi uma verdadeira matriarca do Brasil e mais especialmente da Bahia, tendo sobrevivido muitos anos à morte de Diogo em 1557 e tendo sido uma atuante senhora católica da recém-fundada vila de Salvador, à qual Frei Vicente do Salvador (op. cit., p. 124) referiu-se como uma viúva “*mui honrada amiga de fazer esmolas aos pobres e outras obras de piedade*”.

Foram justamente esses tupinambás cristianizados e bilíngües, com seus filhos mamelucos, que facilitaram a implantação das estruturas do Estado na Bahia na década de trinta do século XVI, com a adoção do sistema de capitânicas hereditárias. Tal sistema conduziria inevitavelmente à escravização dos tupinambás como mão-de-obra para trabalhar nos engenhos de cana-de-açúcar que se estabeleciam em torno de Salvador, fundada ao se implantar o sistema de governo-geral, na década seguinte, em 1548, pelo primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa. Com Tomé de Sousa viria Garcia d’Ávila, que se tornou o maior proprietário de terras do Brasil, tendo ele também casado com uma cabocla da terra, de origem tupinambá, que recebeu o nome de *Francisca Rodrigues*. Assim, as primeiras matriarcas da Bahia foram, quase todas, mulheres índias. Com efeito, a colonização de exploração que se implantara no Brasil não promovia a migração de famílias inteiras de Portugal para o Brasil. O que predominava era o afluxo de

homens em busca de rápida fortuna, que se amancebavam com as índias, às vezes com diversas delas. Isso fez do primeiro brasileiro um mameluco, filho de pai português e mãe tupi. Forma-se na Bahia uma classe de proprietários mestiços, os chamados *caramurus*, objetos da sátira de Gregório de Matos (1696) num poema seu:

*“Há cousa como ver um paiaíá,
mui prezado se ser caramuru,
descendente de sangue de tatu,
cujo torpe idioma é Cobepá?”*

E noutro poema diria de tal elite cabocla da terra:

*Embora tenha um avô nascido lá (i.e., em Portugal),
Tem três mais cá nas partes do Cairu...*

Mas os tupinambás do Paraguaçu recusaram-se à submissão aos senhores de terras escravocratas. No final da década de cinquenta do século XVI, tendo acolhido escravos dessa nação fugidos de engenhos de açúcar, os tupinambás do Paraguaçu não quiseram entregá-los a seus senhores, mesmo com ordens expressas de Mem de Sá.

Diante da recusa deles, o governador-geral organizou um exército de 4.300 homens, dos quais a maior parte índios evangelizados pelos jesuítas e com eles invadiu a região dos índios rebeldes, onde se travou a “*Guerra do Paraguaçu*”, em 1559. Nessa guerra foram mortos milhares de tupinambás e, segundo Anchieta, 160 aldeias foram destruídas pela sanha de Mem de Sá. (apud Pereira, 2000). O forte de Tarajó, chefe dos tupinambás, caiu no dia 28 de setembro de 1559. Esses e outros foram a “*gesta*” (i.e., *os grandes feitos*) de Mem de Sá que Anchieta cantou em versos em sua obra *De Gestis Mendi de Saa*, epopéia publicada anonimamente em Coimbra no ano de 1563.

Derrotados os tupinambás do Paraguaçu, muitos deles migraram para regiões mais distantes, inclusive para o Maranhão, onde foram encontrados pelos franceses de Daniel de la Touche, em 1612.

Da língua falada pelos tupinambás na Bahia de Todos os Santos e regiões contíguas, o primeiro a fazer dela notas foi o jesuíta basco Azpilcueta Navarro, que as daria em 1553 ao jovem canarinho José de Anchieta, recém-chegado ao Brasil, que delas lançaria mão para compor sua *Arte*, só publicada em 1595.

2.3.2. Os tupinambás do Maranhão

Os tupinambás do Maranhão procediam de áreas da costa brasileira já ocupadas por portugueses. Mostram-no textos dos dois cronistas da França Equinocial, Claude D’Abbeville e Yves d’Évreux. No capítulo XI de sua *Histoire*, conta-nos D’Abbeville (1614) que Japi-açu, o principal da Ilha do Maranhão fez um discurso de recepção aos ádvenas franceses em agosto de 1612, dizendo:

“Os perós (i.e., os portugueses) maltrataram-nos outrora e praticaram contra nós muitas crueldades...”

Conta D’Abbeville (op. cit., cap. XLIII), que os tupinambás do Maranhão diziam proceder de uma terra mais ao sul chamada *Caeté* (floresta boa), com grande quantidade de

matas, onde haviam habitado no passado. Quando os portugueses conquistaram tal região, quiseram sujeitar seus habitantes a suas leis. Eles, por essa razão, teriam saído dali e uns teriam migrado para outras bandas até encontrarem o mar, perto do qual passaram a habitar, outros teriam ficado na Serra do Ibiapaba e, outros ainda, às margens dos rios Tabucuru, Mearim etc., conservando todos o nome de *tupinambás*, que servia, até então, para qualificá-los.

O dialeto dos tupinambás do Maranhão foi documentado pelos cronistas franceses supracitados, o que nos permite comparações com variantes dialetais de outras partes da costa brasileira.

Em sua *Histoire* (cap. XLIII), D'Abbeville conta que os índios tupinambás do Maranhão ainda se lembravam do tempo em que houve divisão entre eles, resultando daí um grupo inimigo da mesma nação que foi chamado *tabajara*, de *tobayara*, o inimigo da nação. Esses eram, sem dúvida alguma, falantes do tupi antigo.

2.3.3. Os tamoios ou *tupinambás do sul*

Os tamoios, “*os avós*”, eram tupinambás que se espalharam pelo litoral do Rio de Janeiro. Em meados do século XVI, seus limites meridionais iam até Iperoig, a atual Ubatuba, na costa de São Paulo, chegando, ao norte, à região de Campos dos Goitacazes, no atual estado do Rio de Janeiro, e entrando pelo vale do Paraíba do Sul. Os goitacazes, seus vizinhos ao norte, eram do tronco Macro-Jê, índios aguerridos e inimigos, como demonstra o *Colóquio* de Léry (1578):

-*Marã-pe pe r-obaîara r-era?* -*Marakaîá, gûaitaká, gûaianã, karaîá, kariô.* -Quais os nomes dos vossos inimigos? -*Maracajás, goitacazes, guaianás, carajás, carijós.* (Léry, *Histoire*, 354, grifo nosso)

Os goitacazes de “*língua travada*” eram uma intermitência num litoral dominado por indígenas falantes do tupi antigo. Já a nordeste do território dos goitacazes estendia-se o território dos temiminós, “*os netos*”, uma cisão dos tamoios do sul.

Os tamoios tornaram-se, desde cedo, a grande ameaça para a colonização portuguesa no Brasil meridional, que naquela época correspondia à capitania de São Vicente. Com a invasão dos franceses na Baía da Guanabara, em 1555, os tamoios tornam-se seus grandes aliados. Sete anos depois, instigados por aqueles, estavam todos confederados contra os portugueses numa aliança conhecida como *Confederação dos Tamoios*, que deveria destruir o que havia de civilização lusitana na porção sul do Brasil quinhentista, agrupando índios desde Cabo Frio até Bertioga e também incluindo os índios do Vale do Paraíba. A colonização portuguesa no Sudeste corria sério risco. Se os tamoios fossem bem sucedidos, os franceses tomariam conta de uma vasta área do Brasil, que passaria a ser colônia francesa.

Além das constantes ameaças dos franceses e dos índios seus aliados, havia também as ameaças dos chefes e feiticeiros indígenas tamoios que combatiam a catequese. Em 1562 São Paulo sofre um ataque de índios, instigados por seus caraíbas, que viam nos padres uma ameaça a sua estabilidade. O ataque aconteceu em 9 de julho de 1562. Milhares de homens, todos pintados, aparecem em torno da vila, fazendo um barulho infernal. Contudo, a vila foi defendida por Tibiriçá, com apoio das aldeias próximas e com reforços vindos do litoral e, apesar das muitas mortes, a vila não foi destruída e os atacantes retiraram-se.

Anchieta e Nóbrega, ainda em 1562, com o fito de evitar a guerra iminente, oferecem-se como reféns dos tamoios em Iperoig, para que eles enviassem seus emissários a São Vicente para entabular negociações com os portugueses e, assim, encontrar diplomaticamente uma solução para a animosidade minaz que preocupava os portugueses.

O acordo de paz demoraria meses para ser conseguido. Nóbrega volta para São Vicente, deixando Anchieta sozinho no meio dos índios inimigos, que em todo momento falavam em matá-lo e em devorá-lo. Além disso, muitos o ridicularizavam por não aceitar as mulheres que eles lhe ofereciam, procedimento comum entre os primitivos habitantes da costa do Brasil. Os índios dividiam-se, uns a favor, outros contra os missionários. Contudo, um dos caciques tamoios, o famoso Pindobuçu, que fora convertido ao cristianismo, protegia Anchieta dos índios hostis.

Depois de sete meses de permanência com os tamoios, a paz foi conseguida com algumas tribos e Anchieta foi embora para São Vicente. Mas os franceses continuavam na Baía da Guanabara e sua presença ali era uma constante ameaça, por causa das alianças que faziam com os índios inimigos dos portugueses.

A paz que os portugueses haviam conseguido com os tamoios não foi durável e somente se efetivou com algumas tribos mais próximas. A Confederação dos Tamoios voltou a organizar-se e o perigo de um guerra era grande.

O governador-geral Mem de Sá manda, então, seu sobrinho Estácio de Sá para expulsar os franceses. Ele chega a São Vicente em 1564, em busca de apoio e de reforços para realizar seu projeto. Nóbrega e Anchieta conseguem recrutar muita gente para reforçar a armada de Estácio de Sá. Em janeiro de 1565 eles partem para a Baía da Guanabara. Estácio de Sá funda junto ao Pão de Açúcar uma fortificação, que era o núcleo inicial da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A guerra estende-se na terra e no mar por todo o ano de 1565, com muitas mortes das duas partes.

De Portugal chegam reforços para a guerra contra os franceses que continuavam na Baía da Guanabara. O próprio Mem de Sá resolve ir ajudar seu sobrinho, que lutava havia mais de um ano e meio, sem conseguir vitórias decisivas. A 19 de janeiro de 1567, chegam à Baía da Guanabara e, no dia seguinte, dia de São Sebastião, desfecham, com o apoio do cacique Araribóia, um ataque decisivo contra o reduto dos franceses, o atual Morro da Glória. Estácio de Sá é frechado no rosto e morre um mês depois. Num segundo ataque, ocorrido na Ilha do Governador, os soldados e índios de Mem de Sá obtêm completa vitória contra os franceses. As aldeias tamoias são destruídas e muitos índios são mortos.

O Auto de São Lourenço (versos 147-156), de Anchieta, escrito em 1583, dá testemunhos dessa guerra. Nele vemos os diabos gabarem-se de seus feitos, entre os quais o de terem destruído os tamoios e suas aldeias:

*“Ía’u pá Mosupyroka,
Íekeí, Gúatapytyba,
Nheterôia, Paraíba,
Gûaiaíó, Kariû-oka,
Pakukaia, Arasatyba.*

*Opá umã tamyia sóû,
okaia tatápe oupa;
mokôinhô, Tupã raûsupa,
kó taba pupé sekôû,*

oïepysyrõmo okupa.”

*“Comemos toda a Moçupiroca,
Jequeí, Guatapitiba,
Niterói, Paraíba,
Guajajó, Carioca,
Pacucaia, Araçatiba.*

*Todos os tamoios já foram,
Estando a queimar no fogo;
Poucos somente, amando a Deus,
Nesta aldeia moram,
Estando a salvar-se.”*

Assim, sobre os escombros da guerra é feita a segunda fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. O núcleo primitivo, fundado em janeiro de 1565 por Estácio de Sá é deslocado para um lugar mais seguro, o Morro do Castelo. Seria em torno dele que iria crescer, agora sob o domínio português, a futura cidade do Rio de Janeiro.

2.4. Os temiminós

Cisão dos tamoios do sul, os temiminós também eram índios tupis. Ocupavam o nordeste do Rio de Janeiro e o sul do atual Espírito Santo, até o rio Cricaré, atual São Mateus. Eram aliados dos portugueses. Seu mais famoso tuxaua foi Araribóia, que participou da Guerra da Guanabara, em 1565-67, auxiliando na expulsão dos franceses. Por seus feitos em prol das quinças portuguesas, ele receberia a Ordem de Cristo de Portugal.

Anchieta faz diversas referências aos temiminós nas suas cartas e nos seus autos teatrais. Segundo as palavras dos personagens diabos em seu *Auto de São Lourenço* (versos 157-158), os temiminós eram índios convertidos:

Kó temiminó-poxy / îandé rekó ogûeroyrõ... - Esses temiminós malvados nossa lei detestam...

Em seu auto *Na Aldeia de Guaraparim* (versos 130-138), os personagens diabos confirmam-no, dizendo, ademais que os temiminós estavam no sul do Espírito Santo (a posição da atual cidade de Guarapari):

Koromõ, keygûara, temiminó moaûiébo, asapekóne.

Logo, os temiminós, habitantes daqui, derrotando, freqüentá-los-ei.

Diabo I: -Aã! Nd’ereityki xóne. Não, não os derrotarás.

I porãngatu sekó. É muito belo seu proceder.

Nde reroyrõ, nde mombóne. Detestam-te, far-te-ão pular fora.

Osaûsu kó Tupã sy, Amam essa mãe de Deus,

i membyra rerobíá. Acreditando no seu filho.

Nd’e’ikatuî nde rapíá. Não podem obedecer-te.

2.5. Os caetés

Conta-nos Gabriel Soares de Sousa, no XIX capítulo de seu *Tratado Descritivo do Brasil*, que os caetés eram uma nação indígena que dominava o litoral nordestino desde a foz do rio São Francisco até o rio Paraíba, onde sempre teve guerras com os potiguaras, sendo, portanto habitantes da costa de Alagoas e Pernambuco. Diz ele que eles tinham a mesma compleição física e a mesma cultura e língua dos potiguaras, que eram em tudo como a dos tupinambás.

Ao chegar à capitania que lhe fora concedida por D. João III, Duarte Coelho deparou-se com tais índios, tendo-os desalojado do sítio que ocupavam e onde seria a futura Vila de Olinda, por ele fundada em 1535. No início manteve boas relações com os caetés mas, na década de cinquenta daquele século, tais índios desavieram-se com os portugueses. Em 1556 D. Pero Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil, foi morto e devorado por eles, após o naufrágio da nau em que partia para Portugal.

Por esse ato perpetrado contra o bispo Sardinha, o governo de Portugal, um ano depois, promulgava ato que considerava legal a escravização dos caetés. Começa, assim, a animosidade entre os colonos portugueses e tais índios. Em 1560 começa a Guerra dos Caetés, que duraria cinco anos. Milhares deles retiraram-se daqueles seus antigos territórios e migraram para o Maranhão e Pará, sendo que muitos foram reduzidos à escravidão.

2.6. Os tupis de São Vicente

Os tupis de São Vicente são mencionados pela primeira vez num texto do navegante português Diego García, que viajava na expedição de Juan Diaz de Solis para o Rio da Prata. Estava ele, portanto, a serviço da Coroa espanhola. Tendo chegado ao porto de Cananéia, em 1527, ali avistou-se com o misterioso Bacharel, um degredado português que ali estava havia longos anos, vivendo em perfeita harmonia com os índios.

Contudo, o mais importante personagem da história daquela região nessa época foi João Ramalho. Amancebado com as índias, tinha dezenas de filhos mamelucos e fácil trato com os tupis.

Esses contatos dos tupis com europeus num regime de *cunhadismo* garantiriam, mais tarde, o apoio à colonização portuguesa e à implantação das estruturas de poder do Estado. Isso garantiu o bom sucesso dos empreendimentos portugueses na região.

João Ramalho já percorria o planalto de Piratininga antes de os jesuítas ali fundarem seu colégio em 1554, embrião da cidade de São Paulo. Ali eles construíram, naquele ano, um barracão de madeira do mato perto das aldeias de índios amigos, que eram Tibiriçá, Caioby e Tamandiba. Assim, Piratininga, o nome da região onde havia as três aldeias indígenas, passou a chamar-se *São Paulo de Piratininga*. Perto dali, também no planalto, havia uma outra povoação, fundada por João Ramalho e que se casara com Bartira, a filha do cacique Tibiriçá, amigo dos portugueses.

Anchieta permaneceria em São Paulo de Piratininga nos primeiros anos de sua vida no Brasil. Ele foi designado para professor de latim dos irmãos jesuítas que ali viviam. Assim, com dezenove anos de idade, ele foi o primeiro professor de São Paulo e, certamente, o maior humanista clássico do Brasil. Foi em São Paulo de Piratininga que ele aprendeu o tupi, tornando-se um *nhe'engyâra* (isto é, *o que domina a língua*). Ali permaneceu ininterruptamente até 1562, garantindo, com o apoio dos tupis, a existência da vila recém-fundada.

Segundo Prezia (2000, p. 169), “os grupos do litoral sul, São Vicente e planalto deviam fazer parte de uma mesma etnia.” Ainda segundo ele “quanto aos grupos do interior, localizados no chamado “sertão”, a documentação jesuítica confirma, também, uma vasta área indicada por Staden, que fala de 80 milhas para o interior, isto é, 593 km.”

Os índios tupis de São Vicente miscigenaram-se profundamente com os europeus. Segundo um testemunho do Pe. Vieira (1925-28, p. 249), “é certo que as famílias dos portugueses e índios de São Paulo estão tão ligadas hoje umas às outras, que as mulheres e os filhos se criam mestiça e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola...”